



É Fantástico! As sexualidades dissidentes em pauta na produção jornalística do ‘Show da Vida’¹

Janaína Ferraz Muniz da Silva²

Larissa Pelúcio³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

O projeto de pesquisa tem como objeto a análise da produção e recepção de reportagens veiculadas pelo *Fantástico* (Rede Globo), focando naquelas que tem abordado temas relativos às homossexualidades. A partir deste levantamento intenta-se analisar pelo prisma desconstrutivista como o aumento na visibilidade de questões relativas à diferença e, especificamente, à diversidade sexual vem sendo posta em discurso nas reportagens do programa; e em quais termos a produção desse tipo de conteúdo provoca um novo olhar para essa geração de jornalista que em breve estará no mercado. Para tanto nos valem da metodologia de grupo focal trabalhando com alunos/as de graduação do curso de Jornalismo da UNESP de Bauru, a fim de verificar, a partir das matérias selecionadas, como essa formação vem se dando.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, Programa Fantástico, sexualidades dissidentes, grupo focal, modos de endereçamento

O Show da vida

Há 38 anos no ar, o *Fantástico* - “*O Show da Vida*” - tem pautado cada vez mais temas relativos às homossexualidades, direitos civis de gays e lésbicas, transexuais, travestis e bissexuais, além de trazer notícias sobre homofobia, adoção e parceria entre casais do mesmo sexo. Entre os anos de 2007 e abril de 2011, o programa exibiu cerca de dezoito reportagens⁴ que, direta ou indiretamente, tratavam das sexualidades dissidentes⁵, com clara concentração na temática no último ano (abril de 2010 ao

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação. 5º termo do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), na Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus Bauru, bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e-mail: ferraz_janaina@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Assistente Dra. do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), na Universidade Estadual Paulista (UNESP)- campus Bauru, email: larissapelucio@yahoo.com.br

⁴ Este é um levantamento prévio feito a partir da página do programa na internet e do site de vídeos Youtube a partir de palavras-chave como homossexualidade, transexuais, travestis, gays, parada gay, homofobia, diversidade sexual.

⁵ Aquelas que intencionalmente, ou não, escapam à norma heterossexual (Díaz-Benitez & Figari, 2009).



mesmo mês de 2011). Por essa incidência, nosso recorte temporal inicia-se em 2010; quando a notícia de um jovem homossexual agredido violentamente na Avenida Paulista, em São Paulo, foi veiculada no programa; e segue até o primeiro semestre de 2011.

Apesar das reportagens veiculadas no período em questão reproduzirem modelos reificados que, via de regra, homogeneizam as sexualidades não-normativas, é preciso reconhecer que há um flagrante esforço em pautar essas notícias a partir de uma abordagem menos preconceituosa, levando, mesmo, o *Fantástico* a adotar uma linha editorial mais opinativa, como ocorreu ao longo das reportagens veiculadas no mês de novembro de 2010. O ato que deflagrou essa série de matérias ocorreu na Avenida Paulista (São Paulo, capital), contra quatro jovens vistos pelos seus agressores como gays. O tom da narrativa da notícia foi claramente condenatório, classificando o ato como covarde e preconceituoso. Na semana seguinte, o *Fantástico* iniciou sua edição fazendo correr na tela em grandes caracteres vermelhos a palavra “intolerância”, enquanto, em *off* [narrativa de fundo] o locutor repetia: “Intolerância!”. A trilha dramática amarra a sequência de imagens que ampliam o escopo da narrativa. Em takes rápidos vê-se cenas dos fatos que irão compor a reportagem: ataques a rapazes gays, pessoas negras e estrangeiras. Esta aparente tomada de posição por parte da linha editorial do programa chama nossa atenção e provoca as perguntas que sustentam a presente proposta.

A partir deste levantamento intenta-se analisar pelo prisma desconstrutivista⁶ (1) como o aumento na visibilidade de questões relativas à diferença e, especificamente, à diversidade sexual vem sendo posta em discurso nas reportagens do programa?; (2) de que maneira essa “nova” visibilidade tem contribuído para agendar o tema em pauta no debate público e em quais termos este debate, se vem ocorrendo, se dá?; (3) a mudança para uma abordagem mais inclusiva e pautada nos direitos sexuais empreendida por um programa tradicional e voltado para a família brasileira pode provocar um novo olhar para a questão na nova geração de jornalista que em breve estará no mercado? O projeto, neste primeiro momento, conta com alunos/as de graduação do curso de

⁶ Inspiradas em Derrida, procuramos pensar para além dos binarismos: visibilidade/invisibilidade; hetero/homo; igualdade/diferença concentrando-nos na forma como estes são constituídos nublando a relação existente entre os termos, a hierarquia que orienta seus usos e como os significados são produzidos e fixados por esses processos de apagamento das relações de poder que orientam essas formulações discursivas.



Jornalismo da UNESP de Bauru que integram um grupo focal a fim de aportar suas análises às reportagens selecionadas. De maneira que possamos verificar quais ferramentas teóricas têm sido disponibilizadas na formação destes/as discentes no sentido de possibilitar que enfrentem pautas sobre o tema das sexualidades não-normativas de forma mais crítica e menos essencializante.

A escolha desta metodologia se deu a partir de análise prévia, quando aventamos a hipótese de a maneira reficada de tratar as questões sobre diferença e diversidade presente nas reportagens sobre o tema, poder estar ligada à formação dos jornalistas.

Paralelamente, fazemos incursões pelo site do programa (<http://fantastico.globo.com/>); pela página oficial do mesmo no Facebook e no Twitter, todos canais interativos que permitem à pesquisadora acompanhar comentários do público e, desta forma recortada, ter acesso à recepção das reportagens foco deste estudo. Por estes meios, pretendemos conseguir responder algumas das questões listadas mais acima.

Em relação aos grupos focais, procuramos constituí-lo buscando alunos/as que, mesmo estando no mesmo curso e nível da graduação não tenham relações de amizade. De maneira que as provocações feitas pela pesquisadora-moderadora permitam gerar idéias, opiniões, atitudes e perspectivas de forma mais independente.

Trabalhando com Grupo Focal

Os Grupos Focais (GFs) são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Essa técnica distingue-se por suas características próprias, principalmente pelo processo de interação grupal, que é uma resultante da procura de dados.⁷ A técnica de pesquisa com o GF foi descrita e publicada no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. Depois, em 1946, durante a 2ª Guerra Mundial, foi usada por Merton & Kendall, para investigar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas. E, em 1952, Thompson & Demerath estudaram sobre fatores que afetavam a produtividade de trabalhos em grupo. Na área de marketing, a mídia utiliza

⁷ Kitzinger J, Barbour RS. Introduction: the challenge and promise of focus groups. In: Kitzinger J, Barbour RS, organizadores. Developing focus group research: politics, theory and practice. London (UK): Sage; 1999. p.1-20.



largamente a mesma técnica, valorizando-a pelas condições de baixo custo para sua operacionalização e pela rapidez em obter dados confiáveis e válidos.⁸

No GF – Sexualidade e Mídia, criado para esta pesquisa, trabalhamos diretamente com a análise da formação acadêmica dos alunos de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista- campus Bauru, de dois períodos diferentes: 4º e 5º termo. Formado por oito pessoas, o grupo visa compreender, através de debates, discussões, dinâmicas e apresentações teóricas, como o *Fantástico* vem produzindo matérias referentes às sexualidades dissidentes. De que maneira essas matérias impactam a construção cidadã da família brasileira e, sobretudo, como elas apontam para a deficiência, ou não, de conhecimento básico sobre as questões de gênero e sexualidades na formação dos futuros jornalistas.

Até o atual momento, já foram realizados três encontros do GF – Sexualidade e Mídia. No primeiro, foi apresentado o objetivo do grupo e do que se trata o projeto de pesquisa. Foi feita também uma prévia “investigação” sobre a relação desses integrantes com o programa *Fantástico*, e constatamos que a opinião unânime do grupo foi a de que o costume de assistir ao programa não faz parte da rotina deles; porém, todos sabiam o que havia sido transmitido nas últimas exposições e, também relembavam inúmeras reportagens antigas que já foram ao ar. Evidenciando o que Nara Magalhães (2008) já apontou em sua pesquisa etnográfica sobre as formas como a classe média, no Brasil, se relaciona com a televisão⁹: recusando o meio e a mensagem como forma de lazer e se referindo criticamente a sua programação, mas, de fato, fazendo a TV um elemento marcante de seu cotidiano. Apesar de dizerem que “não assistem”, o que, pelas análises de Magalhães pode anunciar uma certa recusa ao conteúdo e/ou formato do programa, os/as alunos/as do GF demonstraram um grande conhecimento sobre o *Fantástico*. Ver o programa apareceu como um ato coletivo, compartilhado com familiares próximos, de maneira que o conteúdo transformou-se em tópico de conversas, “alimentando laços de sociabilidade” (Magalhães, 2008: 51).

Em primeira instância, percebemos então, que o *Fantástico* tem uma ligação ainda mais direta com seu público do que antes imaginávamos. Essa ligação remete à hipótese de que uma grande parcela da “família brasileira” ainda pauta seus assuntos

⁸ Iervolino SA, Pelicioni MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Rev Esc Enferm USP. 2001 Jun; 35(2):115-21.

⁹ A pesquisa de Guimarães se concentrou em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, mas seus dados podem ser pensados para além daquela localidade.



semanais através do que é passado na revista eletrônica. Considerando a faixa etária dos estudantes analisados (de 19 a 22 anos) constatamos que o interesse pelo *Fantástico* não é percebido por eles, ainda mais pelo fato deles considerarem a internet, e não a televisão, seu principal meio de informação. Contudo, não havia um membro sequer que não soubesse o que estava sendo pautado naquela semana dentro do programa dominical. Uns atribuíram a questão ao uso das redes sociais, que durante toda a semana, dá prévias do que será veiculado no programa (o que demonstra que, de uma maneira ou outra, eles seguem as redes sociais do *Fantástico*); outros alertaram para a hipótese de que as chamadas nos intervalos das novelas ajudam na divulgação. O fato é que, admitindo ou não, todos ali conheciam cada quadro da atração e ainda tinham uma opinião formada a respeito de como os temas haviam sido abordados. Portanto, percebemos que “o que conta não é a certeza do conhecimento sobre as audiências, mas um engajamento intelectual, crítico e contínuo, com as variadas formas pelas quais somos constituídos através do consumo da mídia” (Ang, 1996: 52).

Ainda no primeiro encontro, também foi passada a reportagem que veio a ser o principal alavanque desta pesquisa; uma reportagem especial de oito minutos, que funcionou como um desdobramento do fato ocorrido na Avenida Paulista, onde um jovem homossexual foi agredido por outros quatro rapazes. Intitulada como “Preconceito gera violência em grandes centros” (<http://www.youtube.com/watch?v=36GA5TT1Gb4>), a matéria foi transmitida logo na abertura do *Fantástico*. Apesar do tom extremamente editorial utilizado tanto nas imagens, quanto no texto, os alunos de jornalismo em nenhum momento mencionaram a posição opinativa e até sensacionalista da reportagem¹⁰; outro elemento que nos leva a pensar novamente na alta credibilidade que a Revista Eletrônica tem com sua audiência e como ela vem utilizando esse posicionamento na construção do conceito de sexualidades e identidade coletiva¹¹.

Modos de Endereçamento como análise da notícia

¹⁰ Os elementos qualificados aqui como “sensacionalistas” referem-se à trilha dramática, a inserção de texto em letras vermelhas com destaque apenas de algumas palavras que compunham a locução, como o termo “intolerância” e o tom de voz do locutor.

¹¹ As identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na construção/reconstrução dessas identidades. (LOPES. 2003)

A fim de compreendermos melhor a construção da notícia em um programa semanal voltado para a família brasileira, como assim se intitula o *Fantástico*, é necessário, antes de tudo, abarcarmos sobre a maneira como esse programa foi pensado e produzido diante seu interesse sobre a audiência e, de que forma, podemos analisá-lo. O conceito de operadores nos Modos de Endereçamento¹² é utilizado em estudos de recepção que se dedicam a uma análise comparativa dos discursos dos produtos televisivos. Autores como David Morley (1978, 1999), John Hartley (1997, 2000, 2001) e Daniel Chandler (2003) utilizam os modos de endereçamento para entender a relação entre emissora e receptor na construção do texto jornalístico. Segundo David Morley (1978, 1999), essa técnica se caracteriza pela relação que o programa propõe para ou em conjunto com o seu público-alvo: “O conceito de ‘modo de endereçamento’ designa as específicas formas e práticas comunicativas que constituem o programa, o que teria referência dentro da crítica literária como o seu ‘tom’ ou o seu ‘estilo’” (Morley & Brunson, 1999: 262).

Para, de fato, analisarmos o “estilo” de um programa televisivo, preferencialmente voltado ao jornalismo e à informação, John Harley (2001: 90) propõe três operadores de análise; o *mediador*; *a voz do povo* e a *entrevista investigativa*. Entretanto, para o *Fantástico*, utilizaremos outros operadores criados por Itania Maria Mota Gomes, no artigo *Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão*, que elabora, com base nos estudos de Harley, uma ampliação desses operadores.

De acordo com Itania, podemos analisar um programa de televisão através de nove operadores:

1. *Mediador*: trata-se do apresentador, a figura central do programa jornalístico na televisão. “A diversificação de formatos nos impõe pensar em vários mediadores dentro de um mesmo programa jornalístico, aquele que representa a ‘cara’ do programa, e que constrói a ligação entre o telespectador e os jornalistas que fazem o programa”. (Itania, 2005);

¹² O conceito de Modo de Endereçamento surge na análise fílmica, especialmente aquela vinculada à *screen theory* e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores. Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. (MORLEY; BRUNSDON, 1978).



2. *Temática, organização das editoriais e proximidade com a audiência:* como o espelho do programa, por exemplo, será construído;

3. *O pacto sobre o papel do jornalismo:* a maneira como a relação entre programa e o telespectador é regulada, a fim de manter o papel informativo e sócio-cultural do jornalismo.

4. *O contexto comunicativo:* o contexto espacial e temporal em que ocorre o processo comunicativo;

5. *Os recursos técnicos a serviço do jornalismo:* a dimensão da quantidade de opções tecnológicas da comunicação;

6. *Recursos da linguagem televisiva:* como serão utilizados os recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som.

7. *Formatos de apresentação da notícia:* os gêneros e formatos lingüísticos disponíveis para a construção da notícia;

8. *Relação com as fontes de informação:* a escolha entre os dois tipos elementares de fontes nos programas jornalísticos, que são a autoridade/especialista e o cidadão comum;

9. *O texto verbal:* que revela as estratégias empregadas para construir as notícias, fomentar diretamente a audiência e construir credibilidade.

O conceito de modo de endereçamento, quando aplicado aos estudos de jornalismo, nos leva a tomar como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor. Esta “orientação para o receptor” é o modo de endereçamento e é ele que provê grande parte do apelo de um programa para os telespectadores. (HARTLEY, 2001, p. 88)

A partir dessa metodologia, podemos pensar na elaboração do próprio *Fantástico* e, principalmente, na construção de reportagens veiculadas por ele. Com a orientação desses operadores, exploraremos a produtividade do programa voltada à temática homossexual, quando aplicada e aliada aos estudos do jornalismo. Através dos modos de endereçamento, tomamos também como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor.

A questão a se pensar a partir dessa proposta é com quem os âncoras do programa (para personificarmos a linha editorial) estão falando ou pensam que estão



quando conferem destaque e dramaticidade aos casos envolvendo gays e lésbicas? O que a “revista eletrônica da família brasileira” quer comunicar a esse público genérico com essas matérias? Se o modo de endereçamento é “o que provê grande parte do *apelo* de um programa para os telespectadores” (cf. Hartley, 2001, pg. 88), quais elementos têm orientado os editores do *Fantástico* no sentido de manter o “apelo familiar” diante de uma temática que, na perspectiva heteronormativa, feriria a própria ideia de família?

Sabemos que não temos como responder estas perguntas sem incluir em nosso cronograma de pesquisa, entrevistas com a produção do programa, o que, certamente, está na nossa agenda de trabalho. Porém, parte dessas interrogações pode ser atendida na consulta a pesquisas acadêmicas que têm tomado o *Fantástico* como objeto de estudo, como o trabalho de Luana Gomes (2011) e Thiago Sant’Anna (2012). Para a primeira autora, o próprio nome do programa já nos fornece pistas do pacto que ele estabelece com seus/suas espectadores/as. Talvez, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a adoção de uma menina por um casal de homens residentes no interior paulista sejam assuntos suficientemente “inusitados” para merecerem um lugar no “shownarlismo” que caracteriza a atração dominical. Ou fantástico seja a forma como a sociedade brasileira vem respondendo à crescente visibilidade das sexualidades não-normativas, aquelas que não atendem à norma heterossexual. De qualquer forma parece que, como escreve Gomes, “o pacto hibridizado sobre o papel do jornalismo que firma com sua audiência, voltado tanto para a conversação social quanto para o entretenimento” está assegurado. E certamente continua mantendo outra de suas propostas características: alimentar a conversação cotidiana a partir dos assuntos pautados.

Porém, com o trabalho de Sant’Anna, ficamos atentas às fontes que o programa tem se valido para legitimar suas abordagens sobre as homossexualidades, o que, para este pesquisador acaba circunscrevendo-as ao âmbito médico e jurídico. De maneira que o tema “novo” segue sendo tratado pelos saberes que desde o século XIX, como mostrou Michel Foucault, têm se encarregado de falar “legitimamente” sobre os “desviantes” (2001 e 2003).

Como Sant’anna nós também “identificamos as limitações do jornalismo no tratamento de assuntos acerca de sexualidades não-heterossexuais” (Sant’anna, 2012: 10).



Considerações Finais

Apesar da pesquisa apresentada neste artigo ainda estar em andamento, já se pode notar, através dos estudos até aqui realizados, que a ânsia e a falta de preparação técnica e teórica sobre temas relacionados às sexualidades dissidentes são fortemente presentes na formação dos alunos do curso de jornalismo. Pensando os processos comunicacionais fundamentados no saber e na construção social, as sexualidades são colocadas de lado e pouquíssimo debatidas. Diante uma multiplicidade de abordagens, o jornalismo necessita aproximar-se das discussões sobre gênero e sexualidades, a fim de exercer, não apenas o papel informativo, mas, acima de tudo, o papel de representação social em meio a um contexto que, a cada vez mais, vem pautando casos relacionados a esse tema.

Nessa mesma perspectiva, notamos, pois, que o *Fantástico*, sendo um grande meio de comunicação de massa que reflete a própria formação jornalística, também conduz o tema de gênero e homossexualidade preso ao senso comum heteronormativo¹³. A temática dentro do programa ainda ganha espaço somente em “páginas policiais”; “entretenimento” e “curiosidades”, como se não fossem questões intimamente presentes no dia a dia de qualquer cidadão e família brasileira.

Entretanto, a partir de quatro reportagens analisadas, entre elas, três a respeito do mesmo fato, o programa ainda deve ser considerado um importante instrumento dentro da construção e do debate social acerca do tema; pois as reportagens, mesmo sem conseguir elevar os telespectadores ao âmbito do questionamento a respeito dos pontos básicos sobre gênero; ainda permitem pautar para a sociedade esse tipo de discussão, promovendo um prévio conhecimento a respeito das “identidades sexuais”.

Porém, se a intenção da produção do programa é gerar uma consciência não-discriminatória e tolerante; como assim é pregada nas reportagens; é necessário que haja maior investimento teórico para entender melhor do assunto.

¹³ A heteronormatividade não é uma norma hétero que regula e descreve um tipo de orientação sexual. Trata-se, segundo Lauren Berlant e Michael Warner, de um conjunto de “instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não só que a heterossexualidade pareça coerente – isto é, organizada como sexualidade – como também que seja privilegiada” (2002: 230, nota de rodapé 2). Esses privilégios vêm materializados nos discursos jurídicos, médicos, educativos, midiáticos, nas produções culturais como filmes e romances, estabelecendo hierarquias que não se pautam explicitamente pela sexualidade ou só por ela, mas que regulam as relações sociais a partir do pressuposto da heterossexualidade como um estado natural e moralmente desejável.



Segundo Stuart Hall, o modelo de codificação/decodificação da produção da notícia ainda se mantém claramente delimitado. “Se ele é de alguma serventia, para hoje ou mais tarde, é pelo que sugere. Sugere uma abordagem, abre novas questões, mapeia o terreno. Mas é um modelo que tem que ser trabalhado, desenvolvido e mudado” (HALL, 2003: 356).

Ao longo do processo de pesquisa e dos encontros do Grupo Focal, foram e serão realizadas dinâmicas que propõem aos alunos construir e reconstruir as reportagens veiculadas pelo *Fantástico*. De que maneira eles abordariam aquele fato; quais fontes seriam ouvidas; como construiriam o texto; fariam as imagens; editariam o material e, o mais importante, que intenção essa matéria teria dentro do programa; são algumas etapas da produção jornalística que viabiliza o poder da mídia diante sua audiência e que promovem a prática de estudos teóricos como *agenda-setting*¹⁴ e *framing*¹⁵. Desta forma, afirmamos novamente que as pautas relativas à diversidade sexual postas em discurso nas reportagens do programa têm contribuído para agendar o tema em pauta no debate público e, que esses debates podem colaborar para a construção e aceitação das diferentes formas identitárias. A mudança para uma abordagem mais inclusiva e pautada nos direitos sexuais, empreendida por um programa tradicional e voltado para a família brasileira, como é o *Fantástico*, provoca um novo olhar para a questão na nova geração de jornalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLANT, Lauren & WANER, Michael. 2002. “Sexo en Público”. IN JIMÉNEZ (ed.) **Sexualidades Transgresoras – una antología de estudios queer**. Barcelona. Icaria/Ausiàs Marc, pp. 229-257.

COLLING, Leandro et. al. **Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não-normativos no Brasil**. *Revista Gênero*. Florianópolis: Insular, 2005.

COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados**: In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 14, abril 2001, p. 88-101.

FOUCAULT, Michel. 2001. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes.

¹⁴ Formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970 e parte das Teorias da Comunicação, esta linha de pensamento propõe que a mídia determina a pauta (em inglês, *agenda*) para a opinião pública ao destacar determinados temas e preterir, ofuscar ou ignorar outros tantos.

¹⁵ Teoria da Comunicação formulada por Erving Goffman também na década de 1970, que afirma a mídia como um instrumento que se utiliza de certas palavras, idéias, expressões, adjetivos que promovem um enquadramento (*framing*), que modela o acontecimento, destacando alguns aspectos ou ocultando-os.



FOUCAULT, Michel.. 2003. **História da Sexualidade**, vl. 1 - A Vontade de Saber. 13ª edição. São Paulo: Graal.

GOMES, Itania Maria Mota et alii. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão**, UFBA, 2005.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Luana. “É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show. GOMES”, IN Itania Maria Mota (Org.) **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 263-280.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003 a. p. 387-404.

HARTLEY, John. **Los usos de la televisión** (Trad. de Juan Trejó Álvarez), Barcelona, Paidós, 2000.

HARTLEY, John. **Understanding News**, London: Routledge, 2001.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **Eu vi um Brasil na TV: televisão e cultura em perspectivas antropológicas**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

MCCOMBS, Maxwell E. and SHAW, Donald L. **The agenda-setting function of mass media**. In: *Public Opinion Quarterly*, Vol. 36, Número 2, Summer 1972, p. 176 a 187.

MORLEY, David & BRUNSDON, Charlott. **The Nationwide Television Studies**, London: Routledge, 1999.

MORLEY, David & BRUNSDON, Charlotte. **Everyday Television: "Nationwide"**, London: British Film Institute, 1978.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANT’ANNA, Thiago. “**Cada uma Sabe a e a Delícia de Ser o Que É**” – Narrativas Sobre A Transexualidade Feminina no Fantástico. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2012.

Links consultados:

<<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em 25 março. 2012.

< <http://www.youtube.com/watch?v=36GA5TT1Gb4/>>. Acesso em 07 abril. 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=xGeRG_iVgrY&feature=related>. Acesso em 07 abril. 2012.



< <http://www.youtube.com/watch?v=nJKHsHTm4-8>> Acesso em 07 abril. 2012.

< <http://www.youtube.com/watch?v=FhhREzTT8Bw>> Acesso em 07 abril. 2012.